



A Santa Sé

VISITA PASTORAL DO SANTO PADRE

AO SANTUÁRIO DE COLLEVALENZA E A TODI

(22 DE NOVEMBRO DE 1981) **PAPA JOÃO PAULO II** **ANGELUS** *Santuário de Collevaenza, 22 de Novembro de 1981*

1. "Não tenhas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e chamar-Se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus dar-Lhe-á o trono de seu pai David, *reinará* eternamente sobre a casa de Jacob e *o Seu reinado não terá, fim*" (Lc 1, 30-33).

Recordamos hoje estas palavras que a Virgem de Nazaré ouviu na anunciação. Recordamo-nos delas, ao recitarmos o *Angelus* na festividade de Cristo Rei. Aquele, que fora concebido no seio da Virgem, é o Rei.

E embora, acusado perante Pilatos de dizer-Se ser Rei, tenha respondido: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18, 36), embora não tenha herdado o trono terrestre de David, contudo Ele reina "eternamente sobre a casa de Jacob e o Seu reinado não terá fim".

Precisamente porque tal reino "não é deste mundo" e deve ser avaliado com medida diversa daquela de todos os outros reinos terrestres e das dominações temporais.

2. Ele é avaliado com a medida do Amor, *com a Medida do Amor misericordioso*. Há um ano publiquei a encíclica *Dives in misericordia*. Esta circunstância fez-me vir hoje ao santuário do Amor misericordioso. Com esta presença desejo reconfirmar, de algum modo, a mensagem daquela encíclica. Desejo novamente lê-la e de novo pronunciá-la.

Desde o início do meu ministério na sé de São Pedro em Roma, considerava esta mensagem como meu particular dever. A Providência confiou-a a mim na situação contemporânea do homem, da Igreja e do mundo. Poder-se-ia também dizer que precisamente esta situação me apresentou como dever aquela mensagem diante de Deus, que é Providência, que é mistério imperscrutável, mistério do Amor e da Verdade, da Verdade e do Amor. E as minhas experiências pessoais deste ano, coligadas com os acontecimentos de 13 de Maio, por sua parte obrigam-me a exclamar: *misericordiae Domini, quia non sumus consumpti* (Lam 3, 22).

Por isso hoje rezo aqui juntamente convosco, caros Irmãos e Irmãs. Rezo para professar que o *Amor misericordioso é mais forte do que todo o mal*, que se abate sobre o homem e sobre o mundo. Rezo juntamente convosco para implorar aquele Amor misericordioso para o homem e para o mundo da nossa difícil época.

3. Precisamente na solenidade de Cristo Rei do ano passado um violento terremoto atingia as Regiões da Basilicata e da Campania, provocando morte, dor, destruição. Neste momento, aqui junto do santuário do Amor Misericordioso, recordamos na fervorosa prece e confiamos ao infinito amor de Deus Pai as almas dos irmãos e das irmãs que naquela terrível circunstância perderam a vida. Mas devemos recordar e rezar também pelos sobreviventes, pelos que naquele triste acontecimento perderam tudo: a casa, os bens, os campos, o lugar de trabalho, as igrejas, as povoações. A um ano de distância, tão graves problemas de carácter social estão ainda sem solução. Por isso hoje, ao dirigir a minha afectuosa saudação de encorajamento aos irmãos e irmãs das áreas atingidas pelo sismo, sinto a necessidade de fazer um caloroso convite e um premente apelo a todos, para que cada um, segundo as suas possibilidades e o seu campo de competência, dê um generoso e efectivo contributo a fim de as legítimas expectativas daquelas queridas populações não serem ulteriormente desiludidas.

4. "*Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram*" (1 Cor 15, 20).

Hoje, ao procurarmos abraçar com o coração e com a prece o mistério do Reino de Cristo, reencontramos nele de modo particular os que nos deixaram; "os que morreram". Todo o mês de Novembro é dedicado à recordação destes: próximos e afastados, de todos.

Só neste Reino, estabelecido por Deus em Jesus Cristo, estes nossos mortos permanecem unidos a nós. E nós a eles.

"... assim como todos morrem em Adão, assim também, em Cristo, todos serão vivificados" (1 Cor 15, 22). Professamos a fé na comunhão dos santos e na vida eterna!

O Reino que "não é deste mundo" (Jo 18 36) não leva em consideração os limites da morte e do sepulcro, aos quais, em todos os lugares da terra, é submetido "este mundo" e o homem que nele vive.

Quando professamos este Reino reconfirmamos a presença no mundo d'Aquele por quem tudo existe: *Deum, cui omnia vivunt, venite adoremus!*